

SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS- SESA
FACULDADE AMADEUS- FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA

EDJANE ROCHA
LUCIANA FÉLIX SANTOS
ROSANGELA DE JESUS ATANÁSIO

AUTISMO NA ESCOLA

Aracaju
2013

EDJANE ROCHA
LUCIANA FÉLIX SANTOS
ROSANGELA DE JESUS ATANÁSIO

AUTISMO NA ESCOLA

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lidiane Brito Freitas

Aracaju

2013

AUTISMO NA ESCOLA

Artigo apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, Faculdade Amadeus, como requisito final para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Coordenador do Curso: Prof. Esp. Williams dos Santos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lidiane Brito Freitas

Aprovado (a) com média: _____

Aracaju ____/____/_____

AGRADECIMENTOS

... Primeiramente a Deus, por ter nos dados paciência e sabedoria para desenvolver e concluir mais essa etapa na vida acadêmica. Aos docentes que estiveram conosco durante estes quatro anos na aquisição de novos conhecimentos. Em especial aos nossos orientadores Prof. Fernando Lins e a Prof. Lidiane Brito, o nosso muito obrigado.

AUTISMO NA ESCOLA

*Edjane Rocha

Luciana Félix Santos

Rosângela de Jesus Atanásio

Resumo

Este trabalho procura exemplificar como os professores e familiares devem agir com crianças portadoras do autismo. Ressalta também possíveis soluções para os professores lidarem com essas crianças. Foi possível compreender com esta pesquisa, métodos interessantes e diversificados para atender as necessidades dos alunos autistas e dessa forma inclui-los com a turma de forma que elas possam interagir e desenvolver suas habilidades. O autismo é considerado como um transtorno global do desenvolvimento, caracterizando-se pelo desenvolvimento atípico da interação social, da comunicação. Desse modo, o tema do autismo tem chamado à atenção de muitos pesquisadores nos últimos tempos. Há uma necessidade de estabelecer um trabalho com os professores, no intuito de identificar as necessidades educacionais desses alunos, a fim de aprimorar o seu aprendizado. Dessa forma, podem ser incluídas sem distinção todas as crianças com variados graus de comprometimento social e cognitivo.

No que tange ao procedimento metodológico, a pesquisa foi feita através de leituras analíticas de artigos publicados em revistas especializadas, livros sobre o assunto, sites da internet, de onde foram encontrados vários fundamentos para pesquisa. O desenvolvimento da pesquisa consiste na leitura de autores para enriquecimento e para nos auxiliar no desenvolvimento do artigo.

Palavras-chave: autismo, inclusão escolar.

ABSTRACT

This job search exemplifies how teachers and families with children must act bearers of autism. Realty also possible solutions for teachers deal with such victims. Was possible with this understanding research methods and diversified interest to meet the needs of students and thereby autistic includes them with class so that they may interact and develop your skills. Autism is considered as a disorder of global development featuring the interaction development atypical social dad communication. Thus the theme of autism has called the

attention of many researchers in last tempos. There a need to establish a job with teachers, in order to identify educational needs of those students in order to improve your learning. Accordingly be included without discrimination all children with different degrees of social and cognitive commitment.

Regarding the methodological procedure, the research was done through analytical readings of articles published in magazines, books on the subject, Internet sites, where they were found several grounds for research. The development of the research consists of reading authors for enrichment and to assist us in developing the article.

Keyword- Autism, school inclusion.

*Estudantes do curso de Pedagogia Licenciatura Plena da Sociedade de Ensino Superior Amadeus.

INTRODUÇÃO

Quando ouvimos pela primeira vez a palavra autismo logo imaginamos que se refere a algum déficit na interação social. A escolha do tema surgiu a partir do relato de uma das autoras do presente artigo, que teve a experiência de trabalhar numa instituição de ensino que tinha uma criança autista e nos relatou que seu comportamento era diferente das outras crianças. Essa criança brincava de forma estranha, era inquieta, ficava agitada em lugares fechados e incontrolável em lugares com muita gente, não falava nenhuma palavra e só emitia sons, alheia a tudo e a todos. A partir desse comportamento, fomos buscar mais informações sobre o que seria essa síndrome comportamental com causas múltiplas. Para a nossa surpresa foram vários conceitos encontrados.

O autismo é caracterizado por um déficit na interação social, a criança autista não apresenta habilidades para se relacionar com o outro, tem dificuldades na linguagem e alterações de comportamento. No entanto, isso não significa dizer que a pessoa com autismo não consiga desempenhar seu papel social. Compreender como ocorre esse transtorno pode ser simples quando nos colocamos no lugar do outro e aceitamos conviver com as diferenças. Sabemos que as diferenças nunca foram bem aceitas, e que a nossa tendência é de sermos impiedosos com quem foge a regra. E para quebrarmos preconceitos em relação às pessoas com autismo na intenção de serem incluídas na sociedade seriam necessárias ações motivadoras, a fim de acolher, cuidar e estimular a se desenvolver. Uma criança autista percebe o mundo de maneira diferente da nossa. Entender e dominar esse mundo particular nos dá a oportunidade de conhecer a fundo as suas particularidades.

Ainda não existe um tratamento definitivo para o autismo, sabe-se hoje que algumas técnicas comportamentais e educacionais trazem algum benefício quando iniciadas precocemente. O correto seria que tais intervenções fossem iniciadas antes dos quatro anos de idade. O ideal seria que essas crianças com autismo vivam em um ambiente estruturado, no qual as regras devem ser bem claras e constantes. A criança precisa saber o que se espera dela.

Mesmo que o autismo não tenha cura, as crianças que sofrem com esse distúrbio deveriam ter a mesma chance de aprender como as outras crianças, sendo motivadas a desenvolverem suas habilidades. Conhecer a fundo uma pessoa com autismo pode trazer um aprendizado especial para as nossas vidas. Uma criança com autismo precisa ser acolhida, cuidada e estimulada a desenvolver suas potencialidades. Para isso acontecer, pais, juntamente com os professores e a sociedade, devem conhecer esse mundo particular em que ela vive, respeitando suas semelhanças e diferenças em busca de melhorias e transformações,

resgatando-a do seu mundo singular para que dessa forma ela possa estabelecer vínculos com pessoas ao seu redor.

Desde a década de 40 até os anos 60, de modo geral, acreditava-se que um indivíduo autista tinha o desejo consciente de não participar de qualquer interação social. Atualmente, porém, sabe-se que tal isolamento não resulta de qualquer desejo ou vontade consciente e ocorre, pelo contrário, na sequência de alterações neurológicas e bioquímicas que têm lugar no cérebro. A certa altura, pensou-se que na origem dessa desordem estaria uma falta de ternura e de calor humano por parte dos progenitores. Sabe-se agora que tal argumento não é verdade, uma vez que o autismo não é causado por fatores de ordem psicológica.

O autismo não pode ser diagnosticado apenas a partir de um só sintoma, é necessário que estejam presentes simultaneamente os sintomas principais o que acontece, por vezes, antes dos 3 anos.

O bebê com autismo pode demonstrar indiferença, falta de interesse pelas pessoas e pelo ambiente e medos estranhos. Não dá respostas diferentes das dadas pelos outros bebês. Pode ter problemas de alimentação, ou de sucção; ter falta de interesse pela comida; rejeição ou preferência por certos alimentos. Problemas de sono e chorar muito ou nunca chorar. Até os 12 meses podem aparecer comportamentos repetitivos, restritivos ou estereotipados (bater palmas, rodar objetos, abanar a cabeça). A criança pode ter interesses obsessivos pela luz, por um brinquedo ou objeto. Pode tardar a andar. Até os 24 meses, manifesta-se ausência ou dificuldade de comunicação verbal e gestual. A linguagem pode tardar ou não aparecer. As crianças pode não manifestar interesse pelas atividades de autonomia que começam geralmente nessa idade (querer comer e vestir-se sozinha); dar respostas inadequadas aos estímulos sensoriais; ter hipo ou hipersensibilidade ao frio e ao calor, à luz, à dor ou a certas texturas.

Depois dos 2 anos, a criança pode não brincar normalmente, não entra em brincadeiras com pares ou com o grupo. A esta altura, os problemas de domínio cognitivo, especialmente de linguagem, começam a estar presentes. A criança com autismo usa a ecolalia frequentemente. Fala utilizando padrões repetitivos e não usa o sim e o não, inverte os pronomes, escolhe palavras cujo som lhe agrada e repete-as fora do contexto. Não compreende os sentidos figurados.

O período de 3 a 6 anos é uma etapa muito difícil para a criança e os pais, pois a deficiência manifesta-se claramente. Podem aparecer comportamentos agressivos, birras sem causa aparente, medos excessivos ou irracionais de situações diárias. Dos 6 anos a

adolescência alguns sintomas mais perturbadores de comportamentos tendem a diminuir. Mas o autismo permanece uma incapacidade para o resto da vida.

Com educação adequada, os sintomas podem não ser tão patentes e pode haver uma melhoria da qualidade de vida. Por outro lado, um ambiente inadequado ou falta de educação apropriada podem levar a uma regressão e/ou perda de capacidade previamente adquiridos e ainda a deterioração de comportamentos como a automutilação, gritos, destruição...

Portanto hoje é constatado que o autismo está saindo de um lugar de tabu e está sendo abordadas com clareza e coerência nas escolas, faculdades e na sociedade.

Cada vez mais, abrem-se os horizontes para o atendimento as crianças autistas, e assim, valorizam-se a potencialidade e não a incapacidade do ser humano.

A justificativa desse trabalho de pesquisa está baseada na inclusão de alunos autistas, com compreensão por parte dos educadores, visando à interação com a escola, o professor e a turma. Escolhemos falar sobre o autismo depois que Luciana – uma das autoras que teve uma experiência com um aluno autista - passou pela experiência de trabalhar com uma criança autista. No começo foi difícil pra ela, pois não estava preparada para desenvolver um trabalho pedagógico com esse aluno. Ela não tinha muito conhecimento sobre o assunto, até então, o que estudou na faculdade sobre as síndromes não a tinham esclarecido de forma aprofundada sobre o que seria autismo.

Após o convívio com Júnior, uma criança de 5 anos diagnosticada autista, Luciana passou a ler sobre o assunto e até conversar com colegas e professores. Ela percebeu que o número de livros sobre autismo publicado é pequeno, e as pessoas estão desinformadas sobre o assunto. **Fomos à biblioteca da faculdade para pesquisar artigos ou monografias com o tema autismo e para nossa surpresa não possuía uma quantidade adequada de trabalhos sobre esse tema**, reforçando mais o nosso interesse em dar continuidade a essa pesquisa. Sendo assim esse trabalho do curso do TCC é o primeiro passo que queremos dar na vida acadêmica. Depois queremos dar continuidade o tema autismo, por ser um tema muito complexo e pouco discutido.

Passar por essa experiência foi algo revelador, pois, o convívio com essa criança na sala de aula foi extraordinário, a partir desse contato ela aprendeu a se comunicar, relacionar e conviver com tal deficiência. Junior chegou ao primeiro dia de aula com o pai e nos foi entregue como um aluno comum. Quando Júnior acordou percebemos que tinha algo estranho em seu comportamento, perguntamos o seu nome e ele não respondia, a única coisa que fazia era chorar e gritar muito. Na primeira semana fomos avisadas de que Júnior era autista, ficamos assustadas, pois não sabíamos como trabalhar com essa criança. Começamos a

vasculhar artigos, monografias para entender melhor o que seria essa síndrome, dessa forma, buscando ações motivadoras para realizar trabalhos fazendo com que essa criança autista tenha prazer de estar e ficar na escola. Percebemos que houve mudanças no comportamento de Júnior, ao decorrer do processo, no começo ele não sentava em momento algum, deixando todas apreensivas. Mas com algumas adaptações ele começou a mudar o seu comportamento, percebemos que ele gostava de histórias e músicas e passamos a compreender melhor o que Júnior queria, ele passou a fazer gestos para pedir as coisas.

Sendo assim, posso concluir dizendo que tive o privilégio de conhecer a fundo essa pessoa tão frágil e com habilidades reveladoras. Assim como uma jóia precisa de cuidados para brilhar, uma pessoa com autismo merece ter os mesmos cuidados e deve ser acolhida, cuidada e estimulada, para que seu desenvolvimento não seja prejudicado. Uma pessoa com autismo necessita de ações motivadoras, de tal maneira que ela sinta vontade de participar de todos os momentos que aconteça na escola.

A literatura científica mostra que as práticas educacionais, desenvolvidas até então, pouco podem contribuir para a inserção da pessoa com autismo na sociedade. A escola pode contribuir com essas pessoas através de programas de formação que treinaria nos alunos passivos, com comportamentos inadaptados, os conteúdos, os hábitos, os comportamentos e as ações desejáveis para conviverem em sociedade. Já as questões norteadoras analisam os procedimentos conscientizadores para pais, professores e sociedade para minimizar preconceitos dirigidos às crianças autistas, a concepção de uma educação centrada no déficit e um apoio aos alunos e professores.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar algumas ações práticas na convivência com crianças com transtorno **autístico** na família e na escola. Já objetivo específico analisa práticas de conscientização para que as pessoas possam enxergar que as crianças que são portadoras de autismo podem se adaptar ao meio social, desde que sejam estimuladas a desenvolverem o seu potencial.

Através da pesquisa bibliográfica aprendemos a analisar informações sobre como lidar com crianças autistas, aprendemos a nos relacionar, a nos comunicar com tal deficiência. Os relatos de psicólogos e professores foram importantes, pois através deles descobrimos como cada um vê e lida com o autista, como cada um desenvolve o trabalho com a criança com esta deficiência.

2 O autismo na escola

Grande parte da população já ouviu falar em autismo. Geralmente, esta palavra nos remete a campanhas, filmes ou programas de tevê em que uma criança, isolada no seu canto, balança o corpo e olha incansavelmente para seus dedinhos a se mexer. Essa cena até ilustra, em parte, pessoas com esse tipo de funcionamento mental, mas, como estereotipo é capaz de deixar marcas e estigmatizar quem vive e se expressar assim.

Atualmente, o autismo é considerado, conforme a definição apresentada por Gilbert em seus estudos sobre o diagnóstico e o tratamento do autismo infantil, uma “síndrome comportamental com etiologias múltiplas e curso de um distúrbio de desenvolvimento”. E ainda, o mesmo autor explica que “é altamente improvável que existam casos de autismo não orgânicos, **dizer** de modo que o autismo é uma disfunção orgânica e não um problema dos pais”. Até 1989, dizia-se, estatisticamente, que a síndrome acometia crianças com idade inferior a três anos, com predominância de quatro crianças a cada dez mil nascidos. Manifestava-se, majoritariamente, em indivíduos do sexo masculino, sendo, a cada quatro casos confirmados três do sexo masculino e um caso para o feminino.

Segundo Gaspar (1998), neuropediatra, o autismo tem sido notório em 20 crianças a cada dez mil nascidos, número que vem crescendo nos últimos anos, não se restringindo à raça, à etnia ou ao grupo social. De causa ainda não especificamente determinada, o aumento pode ser em virtude, também, de um maior e melhor diagnóstico e das informações resultantes de maiores estudos e divulgações sobre a síndrome que atinge indivíduos de todos os países do mundo.

De acordo com a revista americana Time Magazine (maio/ 2002), a incidência de autismo atualmente é um em cada 175 nascimentos, sendo quatro meninos para uma menina. Já, em 2003, as estatísticas apontam um caso de autismo para cada 150 nascimentos.

Segundo os pesquisadores do Royal College of Psychiatrists, na Grã-Bretanha, as meninas mostram sintomas diferentes e menos sinais mais tradicionalmente associados com o autismo, como comportamento repetitivo. Judith Gould, da sociedade Britânica de Autismo, afirma que “a forma como o autismo se apresenta em mulheres pode ser muito complexa. Muitas mulheres e meninas não são diagnosticadas”.

Como se pode perceber, os resultados dos estudos e das pesquisas são bem variáveis. Isto quer dizer que há muito que se estudar e investigar acerca da dimensão da síndrome do autismo.

No Brasil devem existir, estatisticamente, 65 mil a 195 mil autistas, pesquisa baseada na proporção internacional, já que nenhum censo semelhante foi realizado (ORRÚ, 2000, p. 27). Outras pesquisas apontam para um total de 235 mil autistas no Brasil. (SANTOS 2007)

Percebemos, através de acordos com dados teóricos e analisados com as pesquisas bibliográficas, que os alunos autistas respondem bem aos sistemas organizados. Fato esse confirmado pela experiência vivida por uma de nossa colega que trabalhou com um aluno autista, ela nos relatou que o professor deve organizar a sala de aula para efetivamente conseguir ensinar os alunos.

De acordo com ela, a organização física, os métodos de ensino, a rotina estabelecida são úteis em sala de aula com alunos portadores de autismo, independente da idade. Devido às dificuldades de recepção da linguagem, eles geralmente não entendem direções ou regras, por isso a necessidade de se estabelecer rotinas diariamente que possam os ajudar a entender. Essas rotinas devem ser dadas com instruções verbais acompanhadas de gestos para ajudar a compreensão do aluno de forma organizada e clara.

Segundo a nossa colega Luciana que trabalhou com um aluno autista, a forma como são colados os materiais que serão utilizados pode ajudar a criança a ter orientação e conseguir completar a atividade com sucesso. Ela relatou também que as crianças autistas ficam fascinadas com atividades que possuem amostras de figuras, peças e encaixe.

Tem pessoas que para desenvolverem alguma atividade precisam ser motivadas, elogiadas; já as crianças autistas não são motivadas por tais coisas, portanto, precisamos descobrir quais coisas os motivam para assim ensiná-los. Existem crianças que são motivadas por brinquedos, outras por passeios e outras por alguma atividade preferida. Uma pessoa com autismo deve ser acolhida, cuidada e estimulada a se desenvolver. A criança autista percebe e olha o mundo de maneira diferente da nossa. Portanto, os professores precisam encontrar ações motivadoras para que a criança sinta vontade realmente de participar das atividades e tenha prazer em ficar na escola.

2.1. Sintomas do transtorno autista

Algumas crianças com autismo são bem agitadas e parecem não ouvir as ordens dos pais. Não seguem os comandos, fazem apenas o que é de seu interesse, que, geralmente, é bastante restrito. Querem sempre as mesmas coisas, do mesmo jeito, na mesma sequência. Elas pulam o tempo todo, correm e se agitam exaustivamente. Elas têm dificuldade na área cognitiva, têm resistências à mudança de rotinas, têm dificuldades para aceitar regras, ficam nervosas quando têm mais de uma opção para escolher e por isso prendem-se a uma regra escolhida. Muitas crianças autistas ficam ansiosas com mudanças e têm grandes problemas

com transições. Os padrões restritos e repetitivos de comportamento dominam, com frequência, as atividades diárias de crianças com autismo.

De acordo com Klin (2006), a terapia psicogenética apresentava-se como defensora da ideia de que a criança autista era normal no momento do nascimento, mas devido aos fatores familiares adversos no decorrer do seu desenvolvimento foi desencadeado um quadro autista. Os sintomas eram considerados secundários, atribuíveis, portanto, às condutas parentais impróprias. Essa teoria deu início a pesquisas reagrupadas em quatro eixos, sendo esses: stress precoce, as patologias psiquiátricas parentais, quociente de inteligência e classe social dos pais e, por último, a interação pais e filhos. Com base nas informações, Leboyer, chega à determinada observação: “as teorias psicogênicas não parecem explicar a patologia do autismo. Não podemos aceitar o modelo segundo o qual pais normais (com frequências calorosas e afetuosas) seriam responsáveis por graves distúrbios de seus filhos, enquanto seus irmãos são normais”. (LELEOYER, 2005, p 49.)

Além de se ter um profundo conhecimento acerca da tríade de base alterada do funcionamento mental autístico e suas manifestações, o profissional deve estar atento aos sinais caracterizados dessa condição. Seguem alguns sintomas para auxiliar no diagnóstico do autismo:

- Durante a fase de aleitamento, os bebês apresentam dificuldade de sucção e não conseguem mamar, geralmente apresentam alteração na hora de dormir (tanto podem dormir por muitas horas, quanto ficar acordados por longos períodos), a sua alimentação é restrita e com recusa de certos tipos de comida.
- As crianças autistas têm dificuldade em compartilhar momentos com a família, eles sofrem com o contato físico, evitam o toque ou colo de pessoas estranhas, mesmo da família e têm algumas crianças que recusam o colo e os carinhos da própria mãe.
- A maioria dessas crianças apresenta sensibilidade a determinados sons, certos ruídos tornam-se algo insuportável para os autistas, elas tapam os ouvidos, gritam ou choram. Preferem ficar isoladas, têm muita dificuldade de participar de jogos, brincadeiras. Como não conseguem se comunicarem, eles usam as pessoas para pegar ou abrir algo pra elas. Geralmente andam nas pontas dos pés, quando começam a falar algumas dessas crianças apresentam ecolalia (repetem o que a mãe acabou de dizer).

- Tem crises de birras, podendo ser agressivas com comportamento de autoagressão (se batem e se mordem). Algumas são fascinadas por água, têm interesses restritos e querem saber tudo sobre um único tema.

Geralmente as crianças autistas têm padrões de apego à rotina e dificuldade de flexibilização que podem tornar a vida do indivíduo disfuncional, bem como a convivência familiar. E assim, vivem num “mundinho” de comportamentos só delas.

2.2. Avaliação diagnóstica

Por causa da sua complexidade clínica, existe a necessidade de que as pessoas, que apresentam características próprias ao autismo, sejam avaliadas minuciosamente. Segundo Bosa (2002), são chamadas autistas as crianças que têm inadaptação para estabelecer relações normais com o outro, um atraso na aquisição da linguagem. Essas crianças apresentam igualmente estereótipos gestuais, uma necessidade de manter imutável seu ambiente material, ainda que dêem provas de uma memória frequentemente notável. Constatando com este quadro, elas têm a julgar por seu aspecto exterior, um rosto inteligente e uma aparência física normal. A autora ainda aponta a grande originalidade de Kanner, que foi individualizar, em grupo de crianças que lhe foram encaminhadas, seja por debilidade mental ou esquizofrenia, uma síndrome nova reunindo sinais clínicos específicos, formando um quadro clínico totalmente à parte e diferenciado das síndromes psiquiátricas pré-existentes.

As causas do autismo ainda são desconhecidas, consistindo o problema etiológico, sendo um tema base de intensas pesquisas de conceituados estudiosos na área. Segundo Bosa e Callis (2000) apontam que há dois grandes blocos de teorias que se opõem, sendo essas as teorias psicogenéticas e biológicas.

A classificação enquadrou o autismo na categoria “Transtorno Invasivo do Desenvolvimento”. Suas características são: anormalidades qualitativas na interação social recíproca e nos padrões de comunicação, por repertório de interesses e atividades restritas, repetitivas e estereotipadas. Tais anormalidades qualitativas, referentes ao funcionamento global do indivíduo em quaisquer situações, caracterizam-se por prejuízo severo e incapacitante, em diversas áreas do desenvolvimento humano, podendo variar em grau de acometimento.

Para o diagnóstico de autismo, pode ser utilizado um vasto protocolo de investigação e fazer uso do agrupamento de alguns dos critérios do DSM-IV (APA, 1995) E DA (OMS, 1993), além de anamnese detalhada e de outros possíveis exames complementares. Não existem, até o momento, testes psicológicos que determinem se a criança está ou não dentro

do aspecto, mas alguns instrumentos podem ser úteis nessa fase do diagnóstico e da investigação clínica.

Atualmente, existem três instrumentos traduzidos para o português e que estão validados parcialmente para a população: a Escala de Avaliação de Traços Autísticos (ATA), o Inventário de Comportamento Autístico (ABC) e o Questionário de Verificação do Autismo (ASQ). Todos esses recursos ainda estão em fase de validação.

Para que a investigação detalhada seja possível, os pais não devem ouvir apenas uma opinião profissional para tirar suas conclusões. O diagnóstico do autismo não é simples. É necessário que a criança seja levada, o quanto antes, a um profissional competente que conheça profundamente a síndrome do autismo. A partir daí procurar conhecer profissionais da saúde e da educação que tenham conhecimento e experiência para o atendimento terapêutico e educacional da criança com autismo.

As crianças autistas precisam de um diagnóstico precoce, por isso os pediatras precisam observá-las com muito critério desde cedo, e se constatado qualquer alteração, devem encaminhá-las a um especialista.

Mello (2001) esclarece que existem vários princípios de diagnóstico utilizados para classificação do autismo. Os mais utilizados são o Manual de diagnóstico e de Estatística de Doenças Mentais da Academia Americana de Psiquiatria, DSM-IV, e a classificação internacional de Doenças da organização Mundial de saúde, o CID-10, publicada pela organização Mundial de Saúde sendo que, o diagnóstico deve ser feito por profissional especializado, os quais podem ser um médico neuropediatra ou um psiquiatra especializado no assunto autismo.

2.3. Tratamento

O cérebro possui uma capacidade incrível de reorganizar-se quando exposto a novos aprendizados. Estimular a criança autista com técnicas de modificação do comportamento e novas adaptações para novos aprendizados possibilita a reorganização das áreas do cérebro para que elas sejam mais funcionais, podendo ajudar o indivíduo a realizar tarefas que não conseguia realizar antes, desde que sejam treinados para isso. Por isso a importância de se começar logo cedo, quando menor a idade o diagnóstico for feito, mais flexível e capaz está o cérebro em realizar mudanças.

O primeiro passo é procurar profissionais que tenham experiência com autismo. O tratamento está baseado em técnicas no desenvolvimento de comportamentos funcionais e redução dos comportamentos inadequados. Portanto, são utilizadas técnicas e métodos

fundamentados em princípios de comportamento. Esse tratamento tem que ter um objetivo bem definido, para que dessa forma possa trazer resultados satisfatórios, precisa ser feito em conjunto com médico, família, escola e terapia. A terapia mais indicada para essas crianças com transtorno do desenvolvimento é a terapia comportamental. Sendo que uma das técnicas utilizadas nesta abordagem psicoterápica é a análise aplicada do comportamento (ABA), método utilizado em diversos países e embasado por pesquisas científicas que comprovam sua eficácia. Essa metodologia consiste em modificar os comportamentos inadequados, substituindo por outros mais adequados, focando no comportamento social, verbal.

A teoria comportamental tem suas origens nos estudos de Skinner, sobre a aprendizagem e sobre a análise de comportamentos, feitos especialmente através da análise das relações entre as ações do organismo e do ambiente. As pesquisas comportamentais feitas com pessoas autistas foram feitas por Ferster e DeMyer (1961, 1962), e a contribuição principal de Ferster foi demonstrar concretamente a aplicabilidade da teoria comportamental para a alteração do comportamento do autista, bem como para o aumento do repertório de comportamentos adequados e a diminuição ou eliminação de comportamentos inadequados ou destrutivos. As experiências eram desenvolvidas em clínicas e estendidas para o ambiente natural da criança (Windhloz, 1999; Schreibman, 1997; Breegman, 1997). A ideia era promover a generalização de aprendizagem e que situações como o controle de estereotípias, instalação de comportamento verbal, treino de linguagem, eliminação de comportamentos anti-sociais, auto-agressivos e heteroagressivos fossem trabalhados através da teoria comportamental e posteriormente que houvesse a generalização da aprendizagem para os diversos ambientes. Na década de 60 existem inúmeras pesquisas sobre tais estudos acerca da criança com autismo.

Essa metodologia foi utilizada por uma paciente da médica brasileira referência nacional no tratamento de transtorno mental Ana Beatriz Barbosa. Na escola, essa criança ainda ficava sozinha: no recreio permanecia no fundo da quadra, na sala de aula se isolava e, algumas vezes, se recusava a fazer as lições dadas pela professora, mesmo que tivesse condições de realizá-las. O tratamento consistiu em terapia comportamental. Essa criança foi incentivada a olhar para a professora, depois de pegar no lápis, olhar para o caderno e executar a tarefa. Todos esses passos precisaram ser cuidados e recompensados com adesivos ou guloseimas, pois ela fazia muito esforço para alcançá-los. Com o tempo não precisou mais de recompensas, somente os elogios e a atenção da professora passaram a ser suficientes para que ela produzisse sozinha. O mesmo foi feito com o seu comportamento social.

Durante a terapia comportamental, o profissional que incentiva o aprendizado da criança segue algumas etapas, de acordo com as dificuldades de cada criança:

- Apoio físico: quando o profissional faz a atividade junto com a criança, segurando em sua mão, por exemplo.
- Apoio leve: um direcionamento para o que deve ser feito.
- Apoio verbal: quando se diz o que é para fazer.
- Apoio gestual: o profissional aponta, mostrando o que deve ser realizado.
- E, por fim, a criança realiza a atividade de forma independente.

Esse processo deve ser de forma gradual, respeitando o limite e o ritmo da criança, para que o aprendizado seja fixado.

Além da ABA, outros métodos utilizados são efetivos para o tratamento comportamental de crianças com autismo. O Tratamento and Education of Autistic and Related Communication Handcapped Children (TEACCH) é uma das técnicas que pode ser associada à terapia. Começou a ser elaborada na década de 1960, na Califórnia do Norte, nos Estados Unidos, pelo Dr. Eric Shopler e colaboradores, e hoje é bastante utilizado no mundo todo, inclusive em salas de aula. Trata-se de um programa que combina diferentes materiais concretos e visuais, que auxilia as crianças a estruturarem o seu ambiente e a sua rotina.

O TEACCH é um modelo de intervenção que, através de uma “estrutura externa”, organização do espaço, materiais e atividades, permite que as crianças do espectro autista criem mentalmente “estruturas internas”, transformando-as em “estratégias”, para que possam crescer e se desenvolver de forma que consigam o máximo de autonomia na idade adulta.

Não existe ainda uma medicação que trate todos os sintomas do autismo. As dificuldades de comunicação e de socialização não são tratadas com o uso de remédios. Mas os outros sintomas como alteração no sono, hiperatividade, comportamentos repetitivos, desatenção, irritabilidade, impulsividade quando tratados com uso fármaco apresentam melhoras no tratamento. Alguns pais se desesperam em dar remédios para seus filhos, portanto, os benefícios do tratamento com remédios na maioria dos casos ajudam a potencializar o tratamento com a terapia comportamental.

Em todo ou qualquer tratamento é muito importante que os pais acompanhem cada sessão, tirando todas às dúvidas com os profissionais. É natural que nesse processo os pais questionem sobre as técnicas utilizadas no processo e queiram saber se seus filhos irão alcançar algum objetivo. Sendo muito importante que os profissionais envolvidos observem criteriosamente as alterações (ou ausência delas) depois de cada intervenção e registrem

detalhadamente. Os resultados das observações e dos registros gerarão novos planejamentos de intervenção e a avaliação da eficiência das estratégias.

3. Modo como os pais e profissionais da educação lida com o autista

É preciso que os pais conheçam a síndrome do autismo, o autismo não deve ser causa de afastamento da interação entre a família e nem muito menos da interrupção da relação humana por meios afetivos. Perceber, sentir e expressar sentimentos não é muito fácil para os autistas.

Em geral é comum que a família se sinta frustrada diante da sociedade, pois essa mesma valoriza o indivíduo que responde as regras e os valores estabelecidos e padronizados, revelando o preconceito com as pessoas diferentes. Fica evidente que a família que tem uma criança autista tem interferência na qualidade de vida, as relações em torno dessa pessoa, ficam cada vez mais restritas. A criança autista só consegue progredir e se desenvolver se estiver verdadeiramente integrada no ambiente familiar. Tentar buscar compreender suas dificuldades e buscar estratégias para superá-las devem ser o lema de toda família.

A questão da inclusão não se limita apenas a um direito a ser conquistado, é preciso que os pais percebam que a convivência da criança autista com as outras crianças tidas como normais será benéfica, pois ela necessita deste espaço que privilegia as relações sociais. Muitas vezes o processo de inclusão é difícil tanto para a criança como para os pais. Nesse momento é muito importante para a criança autista que os pais tenham paciência, firmeza, perseverança e muito amor para alcançar o objetivo que é um direito do cidadão.

Os professores devem ser orientados e preparados tanto pedagógicos como psicologicamente. Além do preparo técnico e pedagógico, os professores precisam ter uma boa relação com as famílias para lidarem com o desafio da inclusão. Uma união afetiva em forma de força-tarefa ajudará cada indivíduo com autismo para um grande desenvolvimento. O professor é um facilitador para o treinamento das mais diversas habilidades. Esse período em que a criança com autismo passa na escola deve ser traduzido em socialização e estimulação constantes.

3.1. A aceitação da escola para com o autismo e o mesmo no ambiente.

O primeiro dia de aula é especial e todos têm o direito de viver essa experiência. Aprendemos a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças esse processo todo acontece na instituição de ensino. Esse primeiro momento para a criança autista é muito difícil, pois até pouco tempo esse indivíduo convivia apenas em seu meio familiar. Ali os pais já não estarão mais presentes para facilitar as coisas, agora ela precisará caminhar sozinha. Mesmo que as coisas não aconteçam como gostaríamos,

precisamos como pedagogos encontrar caminhos e criar recursos para que essas crianças possam crescer e se desenvolver no ambiente escolar de forma satisfatória.

Essas crianças necessitam de uma atenção mais individualizada, pois são crianças que têm dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamentos repetitivos. As pessoas com autismo têm o mesmo direito que qualquer pessoa como previsto na Constituição Federal de 1988 e nas leis específicas para pessoas com deficiência. Durante a infância, elas têm ainda direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e, após os 60 anos, têm os direitos do Estatuto do Idoso. Com tantos direitos garantidos essas pessoas não deveriam sofrer tanto e nem passar por tantas dificuldades para receber um diagnóstico certo e um tratamento eficaz. Porém a realidade na prática é outra, as famílias lutam durante toda vida de maneira desgastante.

Os autistas possuem todas as variações possíveis de inteligência, mas nem todos estão aptos à inclusão escolar, que depende de uma série de condições da escola, de seus profissionais e da capacidade da criança. Alguns são muito inteligentes e se dão bem pedagogicamente em escolas regulares, apesar de não conseguirem se socializar, pois não entendem o mundo humano e social. Outros necessitam de outras escolas, e aqueles cuja inteligência é mais comprometida têm mais possibilidades em escolas especiais.

A inclusão escolar tem o objetivo de integrar essas crianças com necessidades especiais em contato com seus pares, facilitando dessa forma o seu desenvolvimento e ensinando a outras crianças que é possível conviver com a diversidade. Incluir um aluno autista é atender às necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, possibilitando dessa forma o desenvolvimento de todos.

A escola terá que se adaptar às necessidades desses alunos, realizando mudanças na estrutura e no funcionamento da instituição de ensino, capacitando os professores e estabelecendo uma relação mais direta com a família. Se a criança com autismo tiver a necessidade de ensino especial, esse direito lhe é garantido pelo Estado. O governo tem por obrigação conceder a escola solicitada ou indicar alguma da rede pública ou conveniada, com os recursos necessários para possibilitar o desenvolvimento de cada criança. Uma criança com autismo tem direito de estudar em um ambiente seguro e acolhedor.

Geralmente quando existem crianças que possuem menos dificuldades, caso precise de reforço elas são acompanhadas, porém, a criança com autismo mais grave vai precisar de um ensino individualizado, com atividade diferenciada dos demais alunos pautada em técnicas eficientes e comprovada. Nessa etapa, a utilização de recursos disponíveis relacionados à

socialização, aquisição de linguagem e comunicação deve ser feita para garantir o desenvolvimento dessa criança.

O professor tem que se dinâmico preparando materiais e atividades com material visual ou concreto, mostrando gravuras e figuras no decorrer das explicações, proporcionando ao aluno vivências práticas em que ele possa experimentar as coisas, associando ao aprendizado o maior número possível de estímulos. Dessa forma, ele se sentirá mais estimulado em aprender criando um vínculo entre aluno e professor.

O professor deve se dirigir a criança autista a sua altura estabelecendo contato visual (olhos nos olhos). Dessa forma, despertando e trazendo de volta as explicações, sendo assim aumenta as chances de que ela siga suas orientações. A professora tem que utilizar um vocabulário simples, com perguntas diretas, claras e objetivas. Na maioria das vezes o aprendizado formal com explicações excessivamente teóricas não funciona para uma criança autista, geralmente a tendência é desfocar e retornar ao seu mundo particular.

A professora deverá intermediar o contato da criança autista com os outros alunos por meio de brincadeiras, jogos e atividades no ambiente escolar. Com o tempo, a criança se adaptará e vai desenvolver seus próprios instrumentos para manter as relações, se tornando mais social. Para que as outras crianças aprendam a lidar com as diversidades é importante esse contato social com crianças especiais quebrando preconceitos.

É importante que sejam feitas atividades pedagógicas em conjunto, no começo será preciso que se ensine a criança autista exatamente o que fazer. Na roda, por exemplo, onde acontece à necessidade da criança ficar sentada para ouvir as rotinas, o professor terá por algumas vezes reintegrar essa criança ao círculo, pois, ela tentará sair. Essas atividades têm que ser feitas em tempo curto, pois a criança autista se desprende em atividades mais longas. Durante esse período é importante que a criança seja ajudante do professor em pequenas tarefas, mesmo que para isso seja preciso segurar na sua mão e realizar a atividade junto com ela. Essa criança se sentirá mais acolhido, valorizado e mais integrado.

A forma como a sala é arrumada também é fundamental, colocar as cadeiras em duplas é um caminho eficaz, assim o aluno com autismo poderá estabelecer contato mais estreito com o colega ao lado. É muito importante ensinar a turma a ser cooperativa, isso ajuda muito o aluno com autismo. Para a criança com grau de comunicação maior o professor poderá ajudá-la da seguinte forma: utilizando métodos simplificados, por exemplo, na hora de fazer xixi ela não vai saber se expressar e provavelmente vai fazer na roupa, para que isso seja evitado nos primeiros dias na escola é fundamental que essa criança seja treinada a ir para o banheiro, dessa forma, a criança autista se acostuma e aprende uma relação casual. Isso deve

ser repetido inúmeras vezes, em todos os momentos de suas necessidades fisiológicas. Sendo uma tarefa nada fácil, mas pode lhe dar autonomia futura.

A comunicação em alguns casos é feita por meio de figuras, a criança troca imagem, desenho com a professora. Quando a criança quer algo, ela geralmente aponta para imagem e automaticamente a professora associa. Dessa forma, utilizando esse método alternativo, a criança se sente acolhida e compreendida, favorecendo uma relação mais tranquila entre professor e aluno.

Geralmente a maioria das crianças autista apresenta movimentos repetitivos na sala de aula, como por exemplo, balançar o corpo ou bater palmas, sem significados. Temos que introduzir tarefas que incentivem a pintar ou recortar, dessa maneira redirecionando essa atividade motora para algo produtivo, impedindo que a criança fique presa ao movimento pelo movimento. São crianças muito apegadas à rotina, quando ocorre uma pequena mudança ou inversão de horário a professora percebe que a criança fica muito agitada e desestruturada. Por isso a necessidade de um ambiente estruturado e organizado para dar mais tranquilidade e confiança à criança autista. O professor deve promover sempre a sua independência, estimulando a criança a lavar as mãos, fechar os potes de tinta, guardar o material.

Cutler (2000) destaca que é possível encontrar diferenças de posicionamentos entre as instituições particulares e públicas sobre a inclusão dos autistas. A autora apresenta critérios para inclusão dos autistas, os quais seriam:

- A escola deve conhecer as características da criança e prover as acomodações físicas e curriculares necessárias.
- O treinamento dos profissionais deve ser constante e a busca de novas informações um ato imperativo.
- Deve-se buscar consultores para avaliar precisamente as crianças.
- A escola deverá preparar-se, bem como os seus programas, para atender a diferentes perfis, visto que os autistas podem possuir diferentes estilos e potencialidades.
- Os professores devem estar cientes que inclusive a avaliação da aprendizagem deve ser adaptada.
- É necessário estar consciente que para o autismo, conhecimento e habilidades possuem definições diferentes.
- É preciso analisar o ambiente e evitar situações que tenham impacto sobre os alunos, e que as performances podem ser alteradas se o ambiente também for.
- A escola deverá prover todo o suporte físico e acadêmico para garantir a aprendizagem dos alunos incluídos.

- A atividade física regular é indispensável para o trabalho motor.
- A inclusão não pode ser feita sem a presença de um facilitador e a tutoria deve ser individual. Um tutor por aluno.
- A inclusão não elimina os apoios terapêuticos.
- É necessário desenvolver um programa de educação paralelo à inclusão (a autora propõe o ABA) e nas classes inclusivas o aluno deve participar das atividades que ele tenha chance de sucesso, especialmente das atividades socializadoras.
- A escola deverá demonstrar sensibilidade às necessidades do indivíduo e habilidade para planejar com a família o que deve ser feito ou continuado em casa.
- Ao passo que as pesquisas sobre o autismo forem se aprimorando, as práticas também deverão ser e por isso, é importante a constante atualização dos profissionais envolvidos.

3.2. Estimular o desenvolvimento social e comunicativo

Estimular o desenvolvimento social e educativo de uma criança autista é uma forma de desenvolver suas habilidades através de comunicação alternativa, já que essas crianças têm um grau de comprometimento de sua comunicação verbal.

Poderá ser trabalhado com essas crianças um sistema apropriado baseado em figuras, já que as figuras ou fotos refletem as necessidades e o interesse do indivíduo. As crianças podem ser encorajadas a falar quando elas focam em forma alternativas de comunicação. Existe uma técnica conhecida como “comunicação facilitada”, envolve o uso de apoio físico para as mãos, braços ou pulso, a fim de auxiliar as crianças a utilizar cartões de comunicação de vários tipos, dessa forma, melhorando as habilidades de linguagem.

A maioria das crianças autistas apresenta dificuldades de compreensão de linguagem abstrata. Por exemplo, em uma sala de aula, os estudantes foram incentivados pelo professor a completarem uma história sobre uma menina e seu cachorro. Cada estudante foi convidado a construir verbalmente uma pequena parte da história. Em casos como esse, um quadro com desenhos mostrando a sequência das situações pode ser útil. Todos conseguiram falar o resto da história, mas o aluno autista ficou focado na figura do cachorro. Quando a professora pediu para a turma arrumar os brinquedos, o menino autista não reagiu à instrução “arrume os brinquedos”, mas o fez quando solicitado a colocar os brinquedos na caixa ou a olhar para a figura com esta instrução.

As metáforas devem ser evitadas ou então explicadas, caso contrário, podem causar muito sofrimento à criança autista, como no exemplo: “Vou morrer de fome”. Perguntas devem ser feitas de forma clara e mais simples possível, tentando reduzir a ambiguidade.

É importante lembrar que cada caso deve ser tratado individualmente, focando nas necessidades e potencialidades da criança. É necessário integrar a criança com autismo à convivência com aquelas sem comprometimento e de aprender com elas por meio da imitação, mas também não esquecer o risco de que ela seja vítima da gozação dos colegas. De toda forma, alguns estudos sugerem que, com educação apropriada, as crianças autistas são capazes de utilizar as habilidades intelectuais que possuem para desenvolverem suas potencialidades. Prover a educação formal de forma precoce, a partir dos dois aos quatro anos, aliada à integração de todos os profissionais envolvidos, é a abordagem terapêutica mais efetiva, auxiliando a minimizar ou evitar problemas comportamentais subsequentes.

Aprender como interagir com crianças da mesma idade é uma tarefa árdua para crianças autistas. Há alguns estudos que planejaram intervenções utilizando técnicas de encorajamento constante por parte dos professores até intervenções mais livres em grupos que envolvem crianças com desenvolvimento típico. Novamente, nas diferentes intervenções planejadas, ainda que houvesse melhora na frequência da interação, foi difícil manter a cooperação dos colegas por períodos mais longos de tempo. De toda forma, a interação carece de reciprocidade, já que as crianças com desenvolvimento típico têm que adaptar seu comportamento às crianças autistas de acordo com as diretrizes de outra pessoa. Oferecer oportunidades para as crianças observarem ou interagirem espontaneamente (mesmo que com limitações) com outras crianças parece ser ainda a melhor estratégia.

Diante de tantas evidências quanto aos problemas surgidos com o diagnóstico de autismo fica claro o quão é útil ter suporte, em casa, sobre o manejo dos problemas comportamentais da criança e, em particular, aqueles associados às tarefas cotidianas.

O fato é que não há como separar o desenvolvimento cognitivo afetivo e sua essência biológica, sendo assim, independente da visão etiológica e diagnóstica que se tenha a respeito do autismo é de fundamental importância que se tenha clara forma de abordagem educativa a essas crianças, levando em considerações a tríade e os métodos de intervenções de aprendizagem como afirma Bosa(2002).

Babstista e Bosa (2002) são incisivos ao afirmar que as formas como os autistas comunicam suas necessidades não é imediatamente compreendida, se adotarmos um sistema de comunicação convencional. Assim uma escuta atenta e sem preconceitos permiti-nos entender

o esforço que as crianças autistas despendem para se fazer entender, lançam mão de ferramentas que as ajudam a serem compreendidas.

Dessa forma Amy (2001) afirma a importância de uma educação voltada para a percepção, na imitação e na motricidade, que são ferramentas indispensáveis à comunicação. Onde somente um método não é o bastante, mas sim a mistura entre eles, pode adaptar ao que é necessário no tempo certo e saber que assim poderemos estar contribuindo com o desenvolvimento da criança autista, objetivo maior para a socialização. No entanto há de ser prudente quanto aos resultados, que não são o nosso tempo como aponta a autora citada (20010) “esperança e decepção são partes permanentes de um trabalho cujos resultados se medem ao microscópio, em que, dia após dia, o mesmo cerimonial se repete com seus rituais e suas estereotípias”. Portanto, as várias fontes de pesquisas sobre o autismo e suas peculiaridades, passam a ser inesgotável bem como a inspiração para novas investigações que apontem melhores recursos e aplicações, para que possa chegar ao objetivo maior de socialização.

CONCLUSÃO

Para algumas instituições, o fato de receber o aluno autista e matriculá-lo é uma forma de inclusão, quando na verdade não é assim que acontece. A inclusão não significa só integrar, é necessário que haja aprendizagem, sendo necessário rever os nossos conceitos sobre currículo e programas educacionais.

De fato para que aconteça a inclusão seria preciso algumas alterações nas adaptações curriculares, metodológicas e dos recursos tecnológicos, a racionalização do objetivo do ensino e principalmente a formação dos professores, pois para trabalhar com alunos autistas é indispensável receber um treinamento de capacitação sobre a síndrome e dos programas educacionais existentes para essas crianças.

São várias as limitações sobre como atuar com a criança autista no ensino regular de ensino, geralmente por causa da precariedade do sistema, das salas de aulas lotadas, do ambiente físico desfavorável e da falta de preparação do professor. Segundo Lobo (1997), o crescimento da rede pública do ensino, regular, ainda que tenha sido insuficiente para absorver toda a população infantil, apenas acelerou o processo de seleção das crianças, pois o objetivo não foi incluir os inadaptados em outros espaços, mas a exclusão definitiva dos mesmos do espaço escolar. Incluir ou não a criança autista na escola regular é uma decisão que merece muita reflexão.

O indivíduo autista, embora apresente dificuldade de acordo com o grau de comprometimento, pode aprender os padrões aceitos pela sociedade e, dessa forma, pode exercer sua cidadania, adquirir conhecimentos integrando-se a cultura dessa sociedade, por isso, a importância do papel da escola como espaço inclusivo.

REFERÊNCIAS

- AMY, Marie Dominique. **Enfrentando o autismo:** a criança autista, seus pais e a relação terapêutica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- ASSUMPÇÃO, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. Ver. Brás. Psiquiar 2000. Disponível em: < WWW. Scielo. br/pdf/rbp/v22s2/3795. Pdf>.
- ASSUMPÇÃO, Jr. FB. Pimentel ACM. **Autismo infantil.** Rev. Brasileira de Psiquiatria, São Paulo: p.51.
- BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA Cleonice; e colaboradores, **autismo educação;** reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre, Artmed, 2002.
- BOSA, Cleonice; CALLIAS, Maria. **Autismo:** breve revisão de diferentes abordagens. Psicologia Reflexiva Crítica, v. 13, n. 1, Porto Alegre, 2000. Disponível em: < http: // www.scielo.br/scielo. Acesso em: 09/11/2008.
- CAMARGOS, Oliveira. Rio de Janeiro. **Autismo.** Revista Paradoxo, p.28.
- KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger:** uma visão geral. Ver. Brás. Psiquiar. São Paulo, 2006. Disponível em: < http:// www.scielo.br/scielo. Acesso em: 01 mar. 2009.
- MELLO, Ana Maria S.Ros. **Autismo:** guia prático. 2 edição. São Paulo: Corde, 2001.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES Leandro Thadeu. **Mundo singular:** Entenda o Autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo** o que os pais devem saber? 2. Ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- TAMANAHAN, Ana Carina; PERISSONOTO, Jocy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do autismo infantil e da síndrome de Asperger. V. 13, n. 3, São Paulo, 2008.